

COM ROLAND BARTHES, REINVENTAM-SE VIDAS PULVERIZADAS

André Luis Mitidieri¹

Murillo Cesar da Silva Silva²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo delinear o percurso metodológico do teórico francês Roland Barthes em sua formulação conceitual acerca da ideia de “biografema”, na obra *Sade, Fourier, Loyola*. Para tanto, propomos um passeio pelo “espaço biográfico”, a partir da perspectiva da pesquisadora argentina Leonor Arfuch, na obra *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Baseados em metodologia qualitativa de caráter bibliográfico, partimos das discussões referentes a dilemas da subjetividade no “espaço biográfico”, as quais abarcam questões concernentes à (auto)biografia – numa perspectiva macro –, e as estreitamos até chegarmos à noção de “biografema”, numa microabordagem da escritura de uma vida.

Palavras-chave: “Biografema”. “Espaço biográfico”. *Escritura*. Roland Barthes.

1 INTROGRAFEMA³

A reinvenção de uma vida não sugere, necessariamente, um princípio de identidade na realocação dos elementos constituintes de uma biografia; até porque a vida vivida não é a mesma enquanto narrada. Antes, apropria-se de fatos ocorridos, e que se pretende biografar, para inventariar a narração (auto)biográfica. Desse modo, os eventos sucedidos em uma vida

¹ Graduado em Letras pela URCAMP e em História pela URI-FW. Mestre e doutor em Letras, área de concentração em Teoria da Literatura, pela PUCRS. Pós-Doutorado em Estudos Literários pela UFRGS. Professor Titular de Literaturas Vernáculas no Curso de Letras da UESC. Docente Efetivo de Literatura e História no Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado em Linguagens e Representações - na mesma instituição.

² Especialista em Ensino de Filosofia. Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Discente do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Integrante do grupo de pesquisa O Espaço Biográfico no Horizonte da Literatura (GPBIO/CNPq). Desenvolvemos este trabalho no âmbito do projeto de pesquisa (FAPESB/UESC) Homocultura e testemunho nas literaturas Argentina e Brasileira.

³ Consiste num neologismo que criamos para designar uma partícula textual introdutória de trabalhos em desenvolvimento. A noção propõe, graficamente, a fusão dos termos *intro* [de introdução] + *grafema* [no sentido de unidade mínima de um sistema de escrita]. Nossa proposta, com essa criação (ou, possivelmente, singela homenagem a Roland Barthes), é comungar com a ideia de biografema estabelecida pelo teórico francês.

jamais ocupam, fidedignamente, o espaço celebrado para a escrita, cuja característica é própria da (auto)biografia. Entretanto, pode-se reinventá-los a fim de proporcionar o encanto pelas histórias do biografado, ainda mais se forem reconstruídas a partir de pormenores descartados pela biografia convencional. Nesse sentido, estamos a falar do “biografema”, conceito fixado pelo teórico francês Roland Barthes (1980-1915), e de dilemas da subjetividade no “espaço biográfico”.

O fascínio que esse “espaço” promove ao indivíduo, seja pela simples curiosidade de conhecer a vida de alguém, seja pelo desejo de escrever a própria vida, não é algo de extraordinariamente novo, conforme Leonor Arfuch (2010). A autora destaca que as “Biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências dão conta, há pouco mais de dois séculos, dessa obsessão por deixar impressões, rastros, inscrições, dessa ênfase na singularidade, que é ao mesmo tempo busca de transcendência” (p. 16). Destacar a singularidade da vida e seus eventos, levando-a a ser conhecida por um grande número de pessoas, constitui uma possibilidade de transcendência; ou seja, uma possibilidade de tornar contemplativo o vivido, de modo que possamos transpor os limites do concreto. Entretanto, embora muitos pensem, equivocadamente, dar conta da totalidade da vida nos relatos (auto)biográficos, deparamo-nos, sempre, com a impossibilidade de apreendê-la.

Podemos perceber que, ao contrário das biografias convencionais compreendidas num período que vai do século XVIII a princípios do século XX, constituídas enquanto gênero misto entre o histórico, o literário, o sociológico etc., em que a vida é contada tendo uma destinação objetiva, e construída a partir de uma sequência de relatos marcados por uma temporalidade e eventos honrosos, o “biografema” constitui os detalhes, os estilhaços que, muitas vezes, pulverizados e não referenciados na biografia clássica, são capazes de imprimir novas significações em textos de diversos gêneros.

Nessa perspectiva, o presente artigo, cuja metodologia adotada para desenvolvê-lo é qualitativa de caráter bibliográfico, tem como objetivo apresentar o percurso metodológico do intelectual francês Roland Barthes em sua fundamentação conceitual a respeito da noção de “biografema” presente na obra *Sade, Fourier, Loyola* (1990 [1971]). Para as questões referentes ao conceito de “espaço biográfico”, onde circulam todas as formas de escrita (auto)biográfica, recorreremos à definição promovida pela pesquisadora argentina Leonor Arfuch em *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea* (2010).

Como estrutura, estabelecemos, por meio de subseções, um percurso que atende a uma progressão descendente. O que seria isso? Para compreender, pensemos, como *analogia* – para referenciar o bicho-papão⁴ de Barthes –, na ideia de funil. Assim, partimos das discussões acerca de dilemas da subjetividade no “espaço biográfico”, que abarcam questões concernentes à (auto)biografia – numa perspectiva macro – e as estreitamos até chegarmos à noção já mencionada, numa microabordagem da escritura de uma vida.

2 DILEMAS DA SUBJETIVIDADE NO “ESPAÇO BIOGRÁFICO”

Leonor Arfuch (2010) retoma, em *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, a ideia de “espaço biográfico” proposta pelo teórico francês Philippe Lejeune (2008) em *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. A autora destaca que a ideia do estudioso remete “a ‘um passo além’ de sua tentativa infrutífera de aprisionar a ‘especificidade’ da autobiografia como centro de um sistema de gêneros literários afins” (p. 22). A busca por um centro, em que a pluralidade de gêneros literários

⁴ A fim de esclarecermos o termo empregado, inserimos esta nota para atribuí-lo ao teórico francês que, na obra *Roland Barthes por Roland Barthes*, se refere, metaforicamente, à analogia – e suas adjetivações –, a qual se encontra já desacreditada, e ao *arbitrário* (do signo) de Saussure.

caracterizados pela narração da vida pudesse confluir, fez com que Lejeune formulasse, conforme esclarece Arfuch (2010, p. 22), “um ‘espaço biográfico’, para dar lugar às diversas formas que assumiu, com o correr dos séculos, a narração inveterada das vidas, notáveis ou ‘obscuras’, dentre as quais a autobiografia moderna é apenas um ‘caso’”.

A ideia de “espaço biográfico” é tomada de empréstimo por Arfuch (2010) de forma metafórica, segundo as palavras da própria autora, e deslocada para outro desenvolvimento conceitual: uma *especialização*. A utilização dessa categoria pela pesquisadora argentina traz a ideia de um espaço

[...] onde confluíam num dado momento formas dissimilares, suscetíveis de serem consideradas numa interdiscursividade sintomática, por si só significantes, mas sem renunciar a temporalização, a uma busca de heranças e genealogias, a postular relações de *presença e ausência* (p. 22).

Enquanto Lejeune concebe, sucintamente, o “espaço biográfico” como depósito de múltiplas formas, em que as vidas narram e circulam, conforme observa Arfuch (2010), podemos confirmar que a autora avança nessa perspectiva, ao proferir que:

O espaço biográfico assim entendido – confluência de múltiplas formas, gêneros e horizonte de expectativa – supõe um interessante campo de indagação. Permite a consideração das especificidades respectivas sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos nas diferentes esferas da comunicação e da ação (p. 58).

Partindo da compreensão de um espaço mais amplo, em que a confluência de múltiplas formas e gêneros escapa a uma classificação de acordo com o tipo de narrativa, podemos concluir, a partir das considerações de Arfuch (2010, p. 58), que estudos de relatos (auto)biográficos particulares “não configuram um horizonte interpretativo capaz de dar conta da ênfase biográfica que caracteriza o momento

atual". Na trama contemporânea, percebemos, nesse espaço mais amplo, uma disputa entre outras formas (auto)biográficas, dentre as quais destacam-se: as "entrevistas, conversas, perfis, retratos, anedotários, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, variantes do *show – talk show, reality show...*" (ARFUCH, 2010, p. 15). Nesse sentido, podemos pensar nas diversas narrativas que, embora fujam dos padrões de um gênero clássico impostos pelo cânone, se apresentam no espaço biográfico marcadas por características da (auto)biografia, portando aspectos que nos permitem identificá-las no contexto das "culturas híbridas", conforme a perspectiva de Néstor García Canclini (1997).

Para compreendermos as notações culturais que podem surgir hibridizadas, sobretudo no contexto da América Latina, encontramos em Canclini os elementos necessários para entender o processo de hibridação pelo qual passa o campo literário latino-americano, e como o resultado desse processo se apresenta nas formas (auto)biográficas e ficcionais. Numa primeira definição, Canclini (1997, p. XIX) entende por "*hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas*" (grifo do autor). O que o teórico argentino nos leva a constatar nessa primeira definição é que, no âmbito literário, as formas "puras" geram, após o processo de hibridação, novas estruturas que ressignificam o texto literário.

A qualidade de ressignificação do texto literário nos conduz às contribuições do filósofo francês Roland Barthes (1990) que, em *Sade, Fourier, Loyola*,⁵ elabora a noção de "biografema". Barthes (1990) expõe o desejo de ter sua vida reduzida, pelos cuidados de um biógrafo amigo, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões que constituem os "biografemas". Esses pormenores do biografado, os quais muitas vezes são desconsiderados pelas (auto)biografias clássicas realizadas entre o século

⁵ Embora Barthes traga a noção de biografema em obras como *Câmara clara* (1984), *Roland Barthes por Roland Barthes* (2003), dentre outras, é em *Sade, Fourier, Loyola* (1990) que o filósofo apresenta com mais clareza a noção em destaque (Cf. FEIL, 2010, p. 31).

XVIII e princípios do século XX, tornam-se peças fundamentais capazes de revelar o ser, constituindo-se, assim, como potencializadores de escrituras.

3 ROLAND BARTHES: BREVE APRESENTAÇÃO BIOGRAFEMÁTICA

Classificado como teórico, crítico ou filósofo, Roland Barthes tornou-se conhecido pelas diversas mutações no decorrer de sua produção intelectual. É de Leyla Perrone-Moisés (2004) que parte a observação acerca dos textos inéditos do estudioso francês que tanto revelam suas mutações “[...] ao longo dos anos (seus ‘deslocamentos’, como ele preferia dizer) quanto seus temas permanentes e recorrentes” (p. VIII).⁶ Dessa observação, depreendemos as diversas possibilidades de se deslocar em posicionamentos teóricos, e a renúncia a teorias enquadradas em dogmas epistemológicos.

Há um evento na vida de Barthes que parece ter sido reinventado aos moldes de sua escritura; todavia, ocorrera de fato. No auge da notoriedade intelectual, na frente do Collège de France, fora atropelado por uma caminhonete; episódio que ocasionou, conseqüentemente, sua morte. Ter a vida ceifada dessa forma constitui um pormenor que, manuseado “[...] pelos cuidados de um biógrafo amigo e desenvolvido [...]” (BARTHES, 1990, p. 12), a partir de traços biografemáticos, conforme as palavras do próprio teórico francês, promove novos significados a textos de diversos gêneros. O que justifica essa potencialidade – transformar o que antes se pode considerar destituído de significação – é a característica que o “biografema” tem de se permitir ser inventariado em escrituras plurais, contrariando, assim, as biografias convencionais em que, somente, se apresentam como propósito a vida e os acontecimentos honrosos do biografado.

O destaque ao fatídico episódio da morte do escritor – Roland Barthes –, pode se tornar matéria prima para compreendermos a noção de

⁶ Esse excerto compõe a apresentação da coleção Roland Barthes, *Inéditos*, v. 1: teoria (BARTHES, 2004).

“biografema” que, longe de qualquer ênfase aos fatos heróicos do escritor para deter-se nos detalhes potencializadores de escrituras, esquiva-se aos objetivos das biografias tradicionais. É imprescindível delinearmos o percurso metodológico de Barthes, embora a contragosto do crítico que, em determinado momento da vida, abre mão de alguns posicionamentos teóricos responsáveis por sua notoriedade no meio acadêmico. Vale ressaltar que não discutimos toda a contribuição dele para os diversos campos do conhecimento – até porque não seria uma tarefa fácil –, mas tão somente a noção de “biografema”.

4 DA ESCRITURA À NOÇÃO DE “BIOGRAFEMA”

A noção de “biografema” promoveu novo modo de escrever uma vida e de apreciar sua transfiguração para a narrativa, uma vez que não há desvinculação entre ficção e realidade – esta última pensada, segundo André Lalande (1999), como atributo daquilo que é real, cujo reconhecimento está em sua oposição ao aparente, ao ilusório. É o real em sua atuação efetiva. Ou ainda, em conformidade com a interpretação barthesiana,⁷ podemos pensar o real a partir de seu caráter de ser indomável, porque se recusa ao domínio –. No texto “O efeito de real”, que constitui a obra *O rumor da língua*, Barthes (2004) concebe o real, em sua representação pura e simples, como narração desnuda daquilo que é ou foi, a qual se apresenta como uma resistência ao sentido, cuja função assegura a oposição mítica do vivido ao inteligível.

Quando ocorre a confluência entre ficção e realidade, uma co-existência é produzida na medida em que a escritura do Outro chega a escrever fragmentos da nossa própria cotidianidade, como observa Barthes (1990). Gabriel Sausen Feil (2010, p. 31), em seu artigo intitulado “Escrita biografemática em Roland Barthes”, afirma que o autor

⁷ A referida interpretação barthesiana encontra-se no texto *Sistema/sistemática*, presente na obra *Roland Barthes por Roland Barthes* (2003).

[...] traz a noção de biografema em *Câmara clara* [1984], *Roland Barthes por Roland Barthes* [2003], numa Conferência proferida no Collège de France, em 19 de outubro 1978, 'Durante muito tempo, fui dormir cedo' [2004], no Prefácio de *Sade, Fourier, Loyola* (1990) e na *Preparação do romance* vol. II (2005).

Embora a noção de “biografema” esteja – explícita ou implicitamente – nas obras mencionadas, Roland Barthes não a define segundo os moldes da escrita filosófica que a tudo pretende conceituar. Todavia, como enfatiza Gabriel Sausen Feil (2010), é contundente a aparição desse conceito no prefácio da obra *Sade, Fourier, Loyola*, quando Barthes (1990) identifica pormenores como o regalo branco de Sade, o vaso de flores de Fourier e os olhos marejados de lágrimas de Loyola, e assim expõe o desejo de ter sua vida reduzida a alguns pormenores:

Se fosse escritor, e morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um amigável e desenvolvido biógrafo, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: 'biografemas', em que a distinção e a mobilidade poderiam deambular fora de qualquer destino e virem contagiar, como átomos voluptuosos, algum corpo futuro, destinado à mesma dispersão!; em suma, uma vida com espaços vazios, como Proust soube escrever a sua, ou então um filme, à moda antiga, onde não há palavras e em que o fluxo das imagens (*esse flumenotationis*, em que talvez consista a 'porcaria' da escrita) é entrecortado, como salutares soluços, pelo rápido escrito negro do intertítulo, a irrupção desenvolta de um outro significante [...] (p. 12).

Publicada pela primeira vez em 1971, a obra *Sade, Fourier, Loyola* traz a noção de biografema e uma análise de três autores, cujos respectivos nomes constituem o título da obra. No prefácio, logo nas primeiras linhas, Barthes (1990) enfatiza o ponto de convergência entre os três autores: a “escritura”. Assim,

De Sade a Fourier, o que cai é o sadismo; de Loyola a Sade, é a interlocução divina. No mais, a mesma escritura: mesma volúpia de classificação, mesma fúria em recortar (o corpo crístico, o corpo vitimal, alma humana), mesma obsessão numerativa (contar os pecados, os suplícios, as paixões e os próprios erros da conta),

mesma prática da imagem (da imitação, do quadro, da sessão), mesma urdidura do sistema social, erótico, fantasmático. Nenhum desses três autores é respirável: todos põem o prazer, a felicidade, a comunicação na dependência de uma ordem flexível ou, para ser mais ofensivo, de uma combinatória. Aí estão eles reunidos, os três, o escritor maldito, o grande utopista e o santo jesuíta (p. 7).

O ponto de partida, do qual o autor francês se vale para a constituição da noção de biografema, é o conceito de “escritura”. O teórico destaca os três escritores, Marquês de Sade, Inácio de Loyola e Charles Fourier, porque: “A língua que fundam não é, evidentemente, uma língua linguística, [...]. É uma língua nova, atravessada pela língua natural (ou que a atravessa), mas que só pode oferecer-se à definição semiológica do Texto” (BARTHES, 1990, p. 8). A atribuição de uma nova língua a partir de Sade, Fourier e Loyola provém de sua observação da “escritura” desses três logotetas⁸ que, nessa atividade, teriam recorrido a quatro operações: a primeira delas é “isolar-se”; a segunda, “articular”; a terceira, “ordenar”; a quarta, “teatralizar”.

Antes de apresentar as quatro operações e nos valendo da denominação da primeira, o “isolar-se”, isolaremos somente a análise barthesiana acerca da escritura de Sade para demonstrar como essas operações aparecem; embora o destaque da obra seja atribuído à língua nova respectivamente criada pelos três autores. Tão logo, é preciso distinguir escrita de “escritura” e compreender a recorrente utilização desse segundo termo pelo fundador do biografema. Segundo Gabriel Sausen Feil (2010, p. 34), “‘Escritura’ é uma noção [...] criada por Barthes para diferenciar a escrita que tem valor por si mesma [...], da escrita que somente tem valor pelo seu conteúdo [...]”.

Ainda conforme Feil (2010), a escritura, por ser uma escrita intransitiva – pois enfatiza o *fazer*, o criar na própria escritura, procedimentos de escrita –,

⁸ No prefácio da obra *Sade, Fourier, Loyola*, Barthes (1990) denomina logotetas os fundadores de línguas.

diferencia-se da escrita transitiva, que enfatiza o *falar sobre*. Nesse sentido, a escritura

[...] acontece no momento em que se dá o escalonamento de significantes tal que nenhum fundo de linguagem mais possa ser identificado; por ele é pensado como uma 'forma', o estilo implica uma 'consistência'; a escritura, [...], só conhece insistências (BARTHES, 1990, p. 9-10).

A primeira operação, como já mencionada sua especificidade, propõe que "A língua nova deve surgir de um vazio material; um espaço anterior deve separá-la das outras línguas comuns, ociosas, ultrapassadas, cujo 'ruído' poderia perturbá-la: nenhuma interferência de signos [...]" (BARTHES, 1990, p. 8). Assim, para que essa língua seja elaborada, Sade promove o enclausuramento de seus libertinos no Castelo de Silling e no Convento de Sainte-Marie-des-Bois. Logo, uma das funções da clausura sadiana consiste em "isolar, abrigar a luxúria das empreitadas punitivas do mundo [...]" (BARTHES, 1990, p. 20).

Quanto à segunda operação, "articular", Barthes (1990) informa não haver língua sem distinção entre signos. Dessa forma, como entre os três autores há a mesma obsessão em fragmentar o corpo, "Sade distribui o gozo como as palavras de uma frase (posturas, figuras, episódios, sessões)" (p. 8). Após recortados os signos, eles são retomados numa combinatória: esse é o princípio da segunda operação. Conforme Barthes (1990), os logotetas recorrem aos procedimentos, tais como: cortar, combinar e ajustar para, a partir daí, produzirem continuamente regras de junção, favorecendo a troca da criação pela sintaxe, pela *composição*. Presos ao corpo disperso em fragmentos, a sua reconstituição nada mais é do que a associação de inteligíveis; não existe o inexprimível, bem como não ocorre atributo irreduzível do gozo.

Um exemplo da segunda operação pode ser observado no esclarecimento que Barthes (1990) traz acerca da clausura do lugar sadiano, que dispõe de uma função:

[...] funda uma autarquia social. Uma vez enclausurados, os libertinos, seus ajudantes e sujeitos formam uma sociedade completa, dotada de uma economia, de uma moral, de uma palavra e de um tempo, articulado em horários, trabalhos e festas (p. 20-21).

A partir da autarquia social formada pelos libertinos e demais frequentadores da clausura sadiana, podemos depreender que os elementos enumerados – uma economia, uma moral, uma palavra e um tempo, articulado em horários, trabalhos e festas – constituem, por regras de junção, a totalidade. No abrigo inviolável de Sade, não há nada desarticulado de suas funções. Todos assumem seus papéis, dando-nos a noção de uma sociedade completa; portanto, articulada.

No que diz respeito à terceira operação, “ordenar”, Barthes (1990) afirma que não deve haver, somente, uma combinação de signos elementares, mas a grande sequência erótica, eudemonista ou mística – e o autor aqui se refere, respectivamente, aos três logotetas: Sade, Fourier e Loyola –, deve ser submetida a uma ordem superior. O semiólogo ainda enfatiza que essa ordem superior não consiste mais na sintaxe, e sim na métrica; além disso, o discurso novo mostra-se contemplado por um Ordenador: “[...] em Sade, é algum libertino que, sem nenhuma preeminência que não seja uma responsabilidade passageira e meramente prática, efetua posturas e dirige o andamento geral da operação erótica [...]” (BARTHES, 1990, p. 9).

Desse modo, “há sempre alguém para regular (mas não: regulamentar) [...] a orgia, mas esse alguém não é um sujeito; regente do episódio, é apenas um de seus momentos, não passa de um morfema de recção, um operador de frase” (BARTHES, 1990, p. 9). Para constatar essa regulação, e vale ressaltar que não se trata de regulamentação, a libertinagem é desenfreada, conforme observa o teórico francês (1990). No entanto, não é desordenada, como mostra o exemplo de Silling, cuja prática libertina segue, rigorosamente, o horário de término: duas da madrugada. O

fato de se ter um limite de horário estabelecido para a prática da luxúria demonstra a ordenação no andamento da operação erótica.

Antes de apresentar a quarta operação, que consiste em “teatralizar”, Barthes (1990) chama a atenção para o que ocorreria se a *logothesis* parasse na execução de um ritual, ou seja, se se estabelecesse enquanto um discurso retórico. Havendo essa ocorrência, “[...] o fundador de língua nada mais seria do que o autor de um sistema (aquilo a que se chama comumente um filósofo, ou sábio, ou pensador)” (p. 9). Ao analisar a escritura de Sade, Fourier e Loyola, os quais foram denominados logotetas – fundadores de língua –, o semiólogo enfatiza outro aspecto dos três autores: são eles formuladores; ou seja, escritores, como normalmente se lhes denomina.

A quarta operação – “teatralizar” – não consiste em ornamentar a representação, mas em ilimitar a linguagem, esclarece Barthes (1990). O teatralizar opera, em Sade, no segredo sadiano que “[...] é apenas a forma teatral da solidão: ele dissocializa por um momento o crime; num mundo profundamente penetrado de palavra, realiza um paradoxo raro: um ato mudo; [...]” (p. 20). A partir das quatro operações, presentes nas escrituras de Sade, Fourier e Loyola, concluímos que o objeto da produção dos logotetas já é texto e, com isso, puderam substituir o volume da escritura.

Desse modo, Sade – lembrando que o isolamos para demonstrar como as operações se apresentam em sua escritura a partir das análises de Roland Barthes – “[...] já não é, simplesmente, o autor da pornografia, mas, acima de tudo, um produtor de escritura; inventor de língua, a do crime e do erotismo [...]” (FEIL, 2010, p. 34). Sade, bem como Fourier e Loyola, não produzem escrita transitiva, mas sim escritura, cuja única justificativa se dá pelo fato de inventarem línguas que, independente dos seus conteúdos, fazem com que os textos valham por si mesmos, conforme esclarece Feil (2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço biográfico apresentado por Leonor Arfuch promove uma nova maneira de pensar nas diversas narrativas que, embora escapem dos padrões de um gênero clássico impostos pelo cânone, ocupam o espaço cuja característica é marcada pela confluência de múltiplas formas (auto)biográficas. Além disso, porta aspectos que nos permitem identificá-las no âmbito das culturas híbridas, conforme concebeu Néstor Garcia Canclini (2003). Nessa perspectiva, as narrativas produzem, após o processo de hibridação, estruturas que favorecem sua resignificação.

Ao analisarmos a presença de processos e elementos que proporcionam esse favorecimento a textos literários, sobretudo os pertencentes ao campo (auto)biográfico, podemos considerar o biografema como um dos elementos que permitem, dado o seu caráter resignificador, a produção escritural de vidas reduzidas a pó. Assim, surge outra forma para disputar o espaço biográfico. A faceta de transpor para a narrativa retalhos, farelos, pedaços de uma existência, atribuímos a Roland Barthes que, em *Sade, Fourier, Loyola*, formulou a noção de biografema a partir do elo que unia os três logotetas: a *escritura*.

Ao tomá-la como ponto de partida, Barthes observa que os três autores recorreram a quatro operações: isolar, articular, ordenar e teatralizar. Compreendendo que a escritura se caracteriza pela sensibilidade na produção da escrita intransitiva, podemos concluir, a partir do percurso metodológico adotado neste trabalho, que a noção de biografema consiste na escritura dos pormenores, dos detalhes, que não interessariam ao trabalho do biógrafo tradicional, ou que, simplesmente, constituem os resíduos da biografia, em conformidade com a analogia de Feil (2010). São esses resíduos que, no processo de escritura de uma vida, se responsabilizam pela resignificação do texto, proporcionando-nos o prazer da leitura.

A contribuição do semiólogo francês, ao formular a noção já mencionada, abriu novas possibilidades para os estudos acerca do espaço biográfico, visto que nos foi apresentado outro modo de conceber uma vida, que se encontra agora, na epistemologia contemporânea, dispersa. Quando capturada por um desenvolvimento biógrafo, cada partícula disseminada no vento torna-se matéria prima para a escritura biografemática, a qual impulsiona a reinvenção de vidas pulverizadas. Assim, a vida – simplificada a alguns pormenores até então destituídos de sentido – pode ser reconstruída a partir de narrativas, cujos enredos ganham novas significações.

CON ROLAND BARTHES, SE REINVENTAM VIDAS PULVERIZADAS

Resumen: En este artículo, pretendemos delinear el enfoque metodológico del teórico francés Roland Barthes en su formulación conceptual de la idea de “biografema”, presente en la obra *Sade, Fourier, Loyola*. Por lo tanto, proponemos un recorrido por el “espacio biográfico”, desde la perspectiva de la investigadora argentina Leonor Arfuch, en *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*. Con base en metodología cualitativa de carácter bibliográfico, partimos de las discusiones relativas a la subjetividad en el “espacio biográfico”, que abarcan cuestiones relativas a la (auto)biografía – en una perspectiva macro –, y la reducimos hasta llegarnos a la noción de “biografema”, en una micro abordaje de la escritura de una vida.

Palabras-clave: “Biografema”. “espacio biográfico”. *Escritura*. Roland Barthes.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2010.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In.: _____. *O rumor da língua*. Trad. de Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 181-190.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

_____. *Sade, Fourier, Loyola*. Trad. de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2003.

FEIL, Gabriel Sausen. Escritura biografemática em Roland Barthes. *Revista Pesquisa em Foco em Educação e Filosofia*, São Luis - MA, v. 3, p. 30-39, 2010.

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Apresentação. In: BARTHES, Roland. *Inéditos*, v. 1: teoria. Tradução de Ivone Castilho Benedeti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. VII-XVIII.